

dadeiramente o sirua, guardando em tudo meu seruiço e o direito as partes de que se fara asêto nas costas deste, que se cõprira como se nelle cõtem e valera como carta sem ãbargo das ordenações em contrario. Francisco de Abreu o fez em Lixboa a xx de julho de bj^o e doze. Diogo Soarez o fez escrever».

Torre do Tombo — Chancellaria de D. Filipe II, Doações, liv. xxxii, fl. 33 v).

SOUSA VITERBO.

(*Continua*).

Nótula biográfica acêrca do capitão Artur Augusto da Fonseca Cardoso

O capitão Fonseca Cardoso, sôbre militar modêlo, foi um homem de sciência no rigor estrito da palavra.

Preocupam-no, desde muito cedo, a disciplina militar e os estudos antropológicos; e sempre achou meio de conciliar, com as exigências



Capitão Artur Augusto da Fonseca Cardoso

da sua paixão scientifica, os duros e intransgredíveis deveres profissionais, a que de modo algum se subtraía. Instruindo proficientemente recrutas ou combatendo valentemente em campanhas; cumprindo à risca o serviço regimental ou desempenhando importantes comissões

no ultramar, nunca deixou de medir crânios, aqui ou além-mar; nunca esmoreceu na faina de alcançar *médias* craneométricas, em que baseava os seus admiráveis estudos antropológicos, os quais maravilham pela abundância de casos observados e pelo rigor, acêrto e o inesperado das conclusões. Emfim na sua bagagem de oficial, fôsse para aonde fôsse, nunca deixou de levar a *trousse* do antropologista.

*

Não cabe tracejar aqui o perfil militar do ilustre extinto; afirmar-se há apenas que não é banal. A outros ou em diverso ensejo iria bem, para exemplo, relevar condignamente os seus serviços nos regimentos ou nas diferentes e bem numerosas comissões na Índia, na África e em Timor. E lastimável será fique inédita a compacta fôlha de matrícula, especialmente quanto ao trecho da sua carreira militar no ultramar, onde procurou sempre manter o prestígio do nome português e realçar o valor da corporação a que se orgulhava de pertencer. Ver-se-ia então que — valente, esforçado e corajoso, e sobretudo acendradamente patriota — não houve sacrificio ou perigo a que se poupasse para salvaguardar e manter a pureza imaculada e vitoriosa da bandeira que jurara e que êle tam apaixonadamente amava!

Aqui, repete-se, só se dirá ligeiramente da sua obra científica.

*

E, de princípio, elucidar-se há que ela foi sempre prejudicada na sua intensidade pelas exigências materiais da vida. Tendo bem cedo constituído família, os pesados encargos inerentes compeliram-no a fraccionar a sua actividade, reservando uma boa parte para angariar os elementos com que haveria de prover às inelutáveis e impreteríveis necessidades familiares.

É que a ciência em Portugal só a um exigüíssimo número de privilegiados compensa, como se sabe, com meios pecuniários que escassamente resolvam o formidável problema da existência. Daí a precisão, para todos, de se preocupar com lucubrações mais lucrativas, pondo em lugar secundário as especulações científicas, para não enredar a actividade rendosa e materialmente reprodutiva.

É triste, mas é assim! . . .

Dêste modo se justifica que o capitão Cardoso não deixasse, na imprensa científica, o grupo de trabalhos proporcionado ao seu talento, ao seu saber e ao seu afanoso labor.

Teve ainda assim ensejo de frisantemente exteriorizar a sua competência especial, mais notória para estrangeiros que notada e apreciada dos nacionais, os quais, em regra, não lêem senão o que lhes fornece pábulo grato à sua imaginação romanesca e ao seu temperamento amoroso!...

*

O operoso extinto foi, de início, um arqueólogo, secção da paleo-etnologia. Daqui é que derivou para a antropologia, especialmente para a etnologia sôbre dados craniométricos. Nesta fase se afirmou o primeiro no país e uma notabilidade para o estrangeiro, onde o seu parecer era reverentemente citado e acatado, e os seus trabalhos lidos e compulsados como de autoridade incontestada na esfera dos seus estudos especiais.

Aí por 1887 já êle denunciava aquela primária preocupação científica. Íntimamente ligado com uma pléiade brilhantíssima de rapazes do valor dum Ricardo Severo, dum Rocha Peixoto, dum Xavier Pinheiro e dum João Barreira, concorria eficazmente para a fundação da *Sociedade Carlos Ribeiro*, de que foi órgão literário a *Revista das Ciências Naturais e Sociais*, duas belas instituições já desaparecidas há muito, mas que deixaram após si um intenso rastro de luz.

Na *Revista* colaborou o nosso biografado; e são notáveis espécimes do seu saber e competência a *Nota sobre uma estação cheleana no Vale de Alcântara* (1893), e, mais ao diante, *O Indígena de Satary* (1896).

O primeiro estudo, mais tarde sustentado num vigoroso e erudito artigo de polémica *A Estação cheleana do Vale de Alcântara*, vinca a fase inicial da sua orientação científica, a de paleoetnólogo; o segundo revela a outra e mais recente, a de antropólogo, em que verdadeiramente se notabilizou. Ambos documentam a seriedade e honestidade dos seus processos de estudo; e o segundo confirma, em especial, que as preocupações dum militar brioso e audaz, numa campanha difícil e acidentada, não obstaram a que, de espada fora da bainha, êle aproveitasse todos os momentos disponíveis do soldado para dar satisfação ao homem de ciência, estudando a antropologia do indígena, com quem entrara em contacto.

Ainda nos seus primórdios de cientista, êle se dedicou à freima de propagandear a ciência paleoetnológica, a qual de resto nunca abandonou inteiramente.

Não falando já da sua crítica severa e fundamentada sobre a vergonha que então era o Museu Municipal do Porto (1887), apreciação erudita e cáustica, publicada em dois números daquela era no extinto diário portuense *O Dez de Março*, são notáveis de precisão, clareza e legítima ciência os seus trabalhos sobre: *A Idade da Pedra, Os Kjoekenmöddings, A Palaflita*, editados pelo *Progresso do Norte* (1888), hebdomadário vilarialense (Vid. n.ºs 667, 675, 704 a 706).

Como obra de vulgarização e de síntese ainda hoje se poderiam ler com proveito.

Mas onde se afirmou vigorosamente a sua figura superior de cientista e de antropólogo foi na célebre revista a *Portugália*, que ajudou a fundar, aí por Setembro de 1898, e cuja redacção secretariou até ao fim, salvas ligeiras intermitências. Quasi todos sabemos o que era esta opulenta e sábia publicação, que chegou a maravilhar sábios estrangeiros, como E. Cartailhac, e mereceu encómios oficiais aos Governos da época.

Nela, pois, labutou amorosamente o capitão Cardoso, acompanhando-lhe com enternecimento todos os passos vitoriosos. Mas não se restringia a auxiliá-la com ternura e suprema dedicação; antes aí colaborava, dentro da sua especialização, com insuperável competência.

São magistrais as suas *Memórias e Estudos* antropológicos, sucessivamente impressos nos dois grossos tomos daquele jornal científico: *O Minhoto de Entre Cávado e Âncora, O ossuário da freguesia de Ferreira, Nota sobre os restos humanos da caverna neolítica dos Alqueves, Observações sobre os restos humanos da necrópole de Nossa Senhora do Destêrro, Castro Laboreiro*, estudo antropológico, e *O Póveiro*.

Além destes trabalhos modelares, duma soberba documentação e dum largo alcance, devem-se-lhe muitas *Notas bibliográficas e necrológicas*, esparsas nas duas mencionadas revistas; e cada uma é uma lição de fina crítica e de genuína ciência.

Há, fora dos jornais, um trabalho seu, da máxima consideração como obra de síntese sobre a antropologia portuguesa. No tomo I do livro apresentado na Exposição do Rio de Janeiro em 1908, *Notas sobre Portugal*, publicou ele *A Antropologia Portuguesa*.

*

Eis em sêca sùmula o que, de sua lavra, viu a luz da publicidade, segundo os nossos apontamentos e informações. Mas ainda há a registar a sua obra inédita.

Na biblioteca regimental do quartel de infantaria n.º 3, Viana do Castelo, existe um manuscrito oferecido pelo capitão Cardoso em 1898; intitula-se *Diário da expedição à Índia* (subsídio para a história militar). Conserva a família um outro manuscrito de apontamentos e dados preciosos para a *Antropologia dos Quiocos, Lutchazes, e Luevas*, povos da nossa província de Angola. Foram obtidos durante a sua comissão naquela província (1902 a 1906).

Há ainda um trabalho manuscrito sobre a *Antropologia da cidade do Pôrto*, trabalho começado em 1896, mas incompleto por virtude das estações na África (Angola, quatro anos) e em Timor (outros quatro anos).

*

Tantos trabalhos científicos de primeira grandeza não podiam deixar de lhe dar ingresso nas Sociedades portuguesas, aonde só entra, em regra, o estudioso e o douto, que o mérito pessoal ostensivamente assinala. Por isso elle era:

Sócio da *Academia Real das Sciências*,

Sócio honorário da *Sociedade Arqueológica Santos Rocha*;

Sócio correspondente das:

Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses,

Sociedade Martins Sarmiento, e

Instituto de Coimbra.

Cidadão illustre, chefe de família modelar, guerreiro brioso, scien-
tista emérito, e que mais títulos poderia congregar, para sobreviver,
a inapagável personalidade do saúdoso capitão Fonseca Cardoso?...

Pôrto, em 23 de Novembro de 1912.

JOSÉ TOMÁS RIBEIRO FORTES.

Chronica

I

Excursão arqueológica no Cadaval

Como possuo bastantes relações no Cadaval, umas porque exerci lá clínica durante uns mesês, em 1887, outras, porque tenho lá parentes, e como a região abunda de antigualhas preistóricas, vou a êsse concelho de vez em quando à procura de objectos, e trago sempre cousa que compense o meu trabalho. Aproveitando as férias que a